

*Bem-aventurados os pacificadores,
porque eles serão chamados filhos de
Deus.*

Mateus
5:9

Pacifica sempre²

Por muitas sejam as dores que te aflijam a alma, asserena-te na oração e pacifica os quadros da própria luta.

Se alguém te fere, pacifica desculpando.

Se alguém te calunia, pacifica servindo.

Se alguém te menospreza, pacifica entendendo.

Se alguém te irrita, pacifica silenciando.

O perdão e o trabalho, a compreensão e a humildade são as vozes inarticuladas de tua própria defesa.

Golpes e golpes são feridas e mais feridas.

Violência com violência somam loucura.

Não ergas o braço para bater, nem abras o verbo para humilhar.

Diante de toda perturbação, cala e espera, ajudando sempre.

O tempo sazona o fruto verde, altera a feição do charco, amolece o rochedo e cobre o ramo fanado de novas flores.

Censura é clima de fel.

Azedume é princípio de maldição.

Onde estiveres, pacifica.

Seja qual for a ofensa, pacifica.

E perceberás, por fim, que a paz do mundo é dom de Deus, começando de ti.

(Reformador, fev. 1960, p. 26)

Pacifiquemos³

Não adianta estender a guerra nervosa.

A contradita esperar-te-á em cada canto, porque a paz é fundamento da Lei de Deus.

Observa as catástrofes que vão

passando...

Vezes sem conta, o homem faz-se o lobo do próprio homem, destruindo o campo terrestre; mas Deus, em silêncio, determina que a erva cubra de novo o solo, colocando a flor na erva e formando o fruto no corpo da própria flor.

Vulcões arruínam extensas regiões, mas Deus restaura as paisagens dilaceradas.

Maremotos varrem cidades, mas Deus indica-lhes outro lugar e ressurgem mais belas.

Terremotos trazem calamidades, aqui e ali, mas Deus reajusta a fisionomia do Globo.

Moléstias estranhas devastam populações inteiras, mas Deus inspira a cabeça de cientistas abnegados e liquida as epidemias.

Tempestades, de quando em quando, sacodem largas faixas da Terra, mas Deus, pelas forças da natureza, faz o reequilíbrio de tudo.

Não te entregues ao pessimismo em circunstância alguma.

Tudo pode ser, agora, diante de ti, aflição e convulsão; contudo, tranquiliza a vida em torno, quanto puderdes, porque a paz chegará pelas mãos de Deus.

(*Reformador*, set. 1960, p. 199)

No erguimento da paz

Efetivamente, precisamos dos artífices da inteligência, habilitados a orientar o progresso das ciências no Planeta. Necessitamos, porém, e talvez mais ainda, dos obreiros do bem, capazes de assegurar a paz no mundo. Não somente daqueles que asseguram o equilíbrio coletivo na cúpula das nações, mas de quantos se consagram ao cultivo da paz no cotidiano:

Dos que saibam ouvir assuntos graves, substituindo-lhes os ingredientes vinagrosos pelo bálsamo do entendimento fraterno;

Dos que percebem a existência do erro e se dispõem a saná-lo, sem alargar-lhe a extensão com críticas destrutivas;

Dos que enxergam problemas, procurando solucioná-los, em silêncio, sem conturbar o ânimo alheio;

Dos que recolhem confidências afetivas, sem passá-las adiante;

Dos que identificam os conflitos dos outros, ajudando-os, sem referências amargas;

Dos que desculpam ofensas, lançando-as no esquecimento;

Dos que pronunciam palavras de consolo e esperança, edificando fortaleza e tranquilidade onde estejam;

Dos que apagam o fogo da rebeldia ou da crueldade, com exemplos de tolerância;

Dos que socorrem os vencidos da existência, sem acusar os chamados vencedores;

Dos que trabalham sem criar dificuldades para os irmãos do caminho;

Dos que servem sem queixa;

Dos que tomam sobre os próprios ombros toda a carga de trabalho que podem suportar no levantamento do bem de todos, sem exigir a cooperação do próximo para que o bem de todos prevaleça.

Paz no coração e paz no caminho.

Bem-aventurados os pacificadores — disse-nos Jesus —, de vez que todos eles agem na vida, reconhecendo-se na condição de fiéis e valorosos filhos de Deus.

(*Ceifa de luz. Ed. FEB. Cap. 19*)

Na cultura da paz

Na cultura da paz, saibamos sempre:

Respeitar as opiniões alheias como desejamos seja mantido o respeito dos outros para com as nossas;

Colocar-nos na posição dos companheiros em dificuldades, a fim de que lhes saibamos ser úteis;

Calar referências impróprias ou destrutivas;

Reconhecer que as nossas dores e provações não são diferentes daquelas que visitam o coração do próximo;

Consagrar-nos ao cumprimento das próprias obrigações;

Fazer de cada ocasião a melhor oportunidade de cooperar a benefício dos semelhantes;

Melhorar-nos, através do trabalho e do estudo, seja onde for;

Cultivar o prazer de servir;

Semear o amor, por toda parte, entre amigos e inimigos;

Jamais duvidar da vitória do bem.

Buscando a consideração de pacificadores, guardemos a certeza de que a paz verdadeira não surge, espontânea, de vez que é e será sempre fruto do esforço de cada um.

(Ceifa de luz. Ed. FEB. Cap. 54)

Pacificação

Escutaste interrogações condenatórias, em torno do amigo ausente.

Informaste algo, com discrição e bondade, salientando a parte boa que o distingue, e, sem colocar o assunto no prato da intriga, edificaste em silêncio, a harmonia possível.

Surpreendeste pequeninos deveres a cumprir, na esfera de obrigações que te não competem.

Sem qualquer impulso de reprimenda, atendeste a semelhantes tarefas, por ti mesmo, na certeza de que temos distrações lamentáveis.

Anotaste a falta do companheiro.

Esqueceste toda preocupação de censura, diligenciando substituí-lo em serviço, sem alardear, superioridade.

Assinalaste o erro do vizinho.

Foges de divulgar-lhe a infelicidade e

dispões-te a auxiliá-lo no momento preciso, sem exibição de virtude.

Recebeste queixas amargas a te ferirem injustamente.

Sabes ouvi-las com paciência, abstendo-te de impelir os irmãos do caminho às teias da sombra, trabalhando sinceramente por desfazê-las.

Caluniaram-te abertamente, incendiando-te a vida.

Toleras serenamente todos os golpes sem animosidade ou revide e, respondendo com mais ampla abnegação, no exercício das boas obras, dissipas a conceituação infeliz dos teus detratores.

Descobriste a existência de companheiros iludidos ou obsidiados que se fazem motivos de perturbação ou de escândalo, no plantio do bem ou na seara da luz.

Decerto, não lhes aplaudes a inconsciência, mas não lhes agravas o desequilíbrio, através do sarcasmo, e oras

por eles, amparando-lhes o reajuste, pelo pensamento renovador.

Se assim procedes, classificas-te, em verdade, entre os pacificadores abençoados pelo divino Mestre, compreendendo, afinal, que a criatura humana, isoladamente, não consegue garantir a paz no mundo, no entanto, cada um de nós pode e deve manter a paz dentro de si.

(Livro da esperança. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 21)

Caridade da paz²²

Um tipo de beneficência ao alcance de todos e que não se deve esquecer – ocultar os próprios aborrecimentos, a fim de auxiliar.

É provável hajas iniciado o dia, sob a intromissão de contratempos que te espancaram a alma. À vista disso, se exibes a figura da mágoa, na palavra ou na face, ei-la que se expande, à feição de tóxico mental, atacando a todos os que se deixem

contagiar.

E qual acontece, quando a poeira grossa te invade o reduto doméstico, obrigando-te à recuperação e limpeza, após te desequilibrares em aspereza e irritação, reconheces-te no dever de reparar os danos havidos, despendendo força e diligência em solicitar desculpas e refazer os próprios brios, aqui e ali, como quem se empenha a suprimir os remanescentes de laboriosa faxina.

Se te alteias, no entanto, acima de desgostos e inquietações, mantendo tranquilidade e bom ânimo, para logo a tua mensagem de otimismo e renovação prossegue adiante, de modo a espalhar bênçãos e criar energias, angariando-te simpatia e cooperação.

Os estados negativos da mente, como sejam tristeza e azedume, angústia ou inconformidade, constituem sombras que o entendimento e a bondade são chamados a dissipar.

Recordemos o donativo da paz que a

todos nos compete distribuir, a benefício dos outros, evitando solenizar obstáculos e conflitos, aflições ou desencantos, que nos surpreendem a marcha. E permaneçamos claramente informados de que a única fórmula para o exercício dessa beneficência da paz, em louvor de nossa própria segurança, será sempre esquecer o mal e fazer o bem, porquanto, em verdade, tão somente a criatura consagrada a trabalhar, servindo ao próximo, não dispõe de recursos para entediar-se e nem encontra tempo para ser infeliz.

(*Reformador*, fev. 1972, p. 28)

Estudando a paz

(*Fé, paz e amor*. Ed. GEEM. Cap. “Estudando a paz”)³⁰

Na grande transição³¹

Multiplicam-se conferências e examinam-se acordos que garantam a

concórdia na belicosa família planetária.

Sangrado embora, não encontra o continente europeu suficiente recurso para adaptar-se aos impositivos da paz e, guardando ainda a hegemonia na técnica industrial do mundo, imprime graves perturbações ao ritmo político da comunidade internacional; não obstante o dilúvio de sangue que lhe cobriu o solo generoso, não é segredo o tremendo sacrifício dos orçamentos, em favor dos programas rearmamentistas. Existem ali multidões ameaçadas pelo inverno, faltam reservas no balanço econômico, invoca-se o socorro de países bem aquinhoados pela natureza; no entanto, os generais desenrolam mapas minuciosos e extensos, sob as vistas de administradores, preocupados na ofensiva e na defensiva. Clarins de convocação aprestam-se à chamada de jovens subalimentados, que mal procedem de uma infância vazia de ideais reconstrutivos.

Lutava-se antigamente pela extensão de poder, nos desregramentos do feudalismo

dominador, atritava-se, ainda ontem, pelo acesso às matérias primas a fim de que a força se sobrepusesse ao direito, no caminho dos séculos, e abeiramo-nos, agora, de conflitos ideológicos gigantescos, em que a civilização do Ocidente sofre indescritível ameaça aos seus mais preciosos patrimônios.

É o ataque sutil das forças das trevas, mascaradas de liberdade que mais equivale a desvario.

Embalde se alinham propostas de desarmamento, porquanto, segundo já enunciou eminentíssimo pensador, “não foram as armas que criaram os homens e, sim, os homens que criaram as armas”. Um espírito envenenado pelo ódio, sem fuzil que lhe obedeça as determinações, ferirá com os próprios braços e, se estes lhe faltam, desferirá execráveis vibrações, dilacerantes e esmagadoras, como aguçados estiletes de morte.

Infrutíferas todas as medidas restauradoras do mundo que não atinjam a personalidade humana, necessitada de

dignificação.

A sociedade, constituída pelo organismo doméstico, pelo agrupamento, pelo partido ou pela nacionalidade, representa uma coleção de indivíduos e, por isso mesmo, sem a melhoria do homem, regendo os processos de trabalho, na intimidade do lar e do povo, é inútil a sistematização de reformas exteriores, impostas por revoluções e guerras destrutivas.

Advoga-se a “igualdade das oportunidades”, como fórmula ideal de socialismo cristão para as democracias; entretanto, partindo a premissa de pensadores evangélicos, urge compreender que essa igualdade de recursos já foi estabelecida pelo Governo divino do Planeta. Admitido à experiência terrestre, o homem é bafejado por mil ensejos diferentes de aprender, evolver, iluminar-se e engrandecer-se. Tão grande “talento” é dor que aprimora quanto o dinheiro que favorece. E a criatura que se revolta no sofrimento edificante, convertendo bênçãos em crimes, é tão perniciosa à obra do

Senhor como aquela que se vale das facilidades econômicas para estender o domínio das trevas.

Eis porque o problema da harmonia espiritual nunca será resolvido por ordenações exteriores.

O homem cristianizado é a coluna viva da democracia futura em que o reinado da Ordem, na estrutura do Estado, não colidirá com o reino de Deus, em construção na individualidade humana.

Não bastam leis benignas.

Requisitam-se caracteres elevados que as respeitem e cumpram.

Não valem somente princípios enobecedores.

São necessários corações valorosos que aceitem as condições imprescindíveis à santificação.

A simples denúncia da guerra não atende.

É imperioso suprimi-la da esfera de nós mesmos, ambientando o amor e a paz, na

própria vida.

À face da superfície brilhante do oceano teórico, povoado de demonstrações negativas, espíritos satânicos, encarnados e desencarnados, prosseguirão assoprando o mal nos círculos da evolução terrena, derribando, conspurcando, destruindo...

Enquanto não se capacitar o homem da grandeza da herança que o universo lhe reserva à condição de filho de Deus, é impossível a sublimação da humanidade.

Tanto se guerreava no tempo de Sargão I, no apogeu da foice, quanto se luta presentemente no fastígio da eletricidade.

No fundo, é a rebeldia da personalidade ajustada à indiferença pelos próprios destinos, quando não vinculada ao narcótico do vício, erigido em condutor do homem e das massas.

A sabedoria do Eterno, porém, transforma os males da criatura em amarga medicação para elas mesmas. De experiência em experiência, a Europa, crucificada na defecção dos próprios filhos,

que conferiram um trono externo ao Cristo, imaginando-o cercado de representações políticas, mas exilado dos corações em que deveria viver e reinar, acerca-se, hoje, de cataclismos inomináveis...

Das angústias coletivas, entretanto, surgirão claridades renovadoras.

Exorando as bênçãos do Altíssimo para que nossos males sejam atenuados com a remoção das nuvens que se adensam sobre os povos mais poderosos da Terra, suplicamos a Jesus fortaleça a gloriosa esperança do Novo Mundo.

– Grande América! Herdeira da Europa, dadivosa e flagelada, não permitas que a chuva de sangue e lágrimas desabe em vão sobre as tuas sementeiras de cristianismo!

Recebe as responsabilidades da civilização, de alma voltada para Aquele que é o Fundamento dos Séculos...

Consagra o direito, aceitando o dever do bem, cristianiza os teus programas de governo a fim de que o sofrimento e a expiação não te imponham renovações

dolorosas!

Se a força tiraniza o serviço libertador do Evangelho ou escarnece da razão para perverter a inteligência, não vejas em semelhante perturbação senão o eclipse efêmero da sombra humana procurando debalde toldar a luz divina!...

E quando as nuvens de aflição houverem passado, quando as tormentas lavarem os céus, possas tu ouvir nos recessos do espírito a divina palavra:

— Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus!

Ser-te-á possível então responder, de consciência erguida para o alto:

— Bendito seja o Príncipe das Nações!

(*Reformador*, jan. 1948, p.3)

27 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Palavras de vida eterna*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 70.

28 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Palavras de vida eterna*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 79.

29 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Segue-me!...* Ed. O Clarim. Cap. “Caridade da paz”, com alterações.

30 Vide nota 9, p. 27

31 Nota da equipe organizadora: Este comentário foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial e nos tráz uma notável reflexão sobre aquele grave momento da história da humanidade. Quando muitos cediam ao desespero e ao pessimismo, Emmanuel estabelece um vínculo entre aquelas circunstâncias e o Evangelho, demonstrando que em todas as épocas poderemos encontrar consolo e esperança nas palavras de Jesus; e que os designios de Deus, apontando sempre para o bem, o progresso e a paz, podem ser turvados momentaneamente pelas sombras passageiras, mas estas jamais serão capazes de obstá-los de maneira definitiva.